

HANK GREEN

**UMA
COISA
ABSOLUTAMENTE
FANTÁSTICA**

Tradução
Lígia Azevedo

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Hank Green
Venda proibida em Portugal, Angola e Moçambique.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

“Call Me Maybe” © Carly Rae Jepsen, Joshua Ramsay, Tavish Crowe; “Don’t Stop Me Now”
© Freddie Mercury; e “Golden Years” © David Bowie. Letras reproduzidas mediante autorização.
Direitos internacionais assegurados. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL An Absolutely Remarkable Thing

CAPA Kaitlin Kall

PREPARAÇÃO Erika Jurdi

REVISÃO Márcia Moura | Thaís Totino Ritcher

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Green, Hank

Uma coisa absolutamente fantástica / Hank Green ; tradução
Lígia Azevedo. 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : An Absolutely Remarkable Thing.
ISBN 978-85-5534-075-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

09-00029

CDD-780.904

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial

Obrigado, mãe!

UM

Olha, sei que você está esperando uma história épica com intriga, mistério, aventura, quase morte e morte de verdade, mas, para chegar a isso (a menos que pule direto para o capítulo treze — não sou sua mãe), você vai ter que lidar com o fato de que eu, April May, além de ser uma das coisas mais importantes que já aconteceu à raça humana, também sou uma mulher de vinte e poucos anos que cometeu alguns erros. Estou na posição maravilhosa de ter você na palma da mão. A história é minha, então posso contá-la do jeito que quiser. Isso significa que você vai entender não só a minha história mas também a mim mesma, então não se surpreenda se houver uma boa dose de drama. Vou tentar fazer um relato honesto, mas admito que sou altamente tendenciosa a meu favor. Se você for aprender alguma coisa, com sorte não vai ser de que lado mais está, mas o simples fato de que sou (ou pelo menos era) humana.

E eu estava me sentindo bastante humana quando me arrastei acabada pela rua 23 às duas e quarenta e cinco da manhã depois de trabalhar dezesseis horas seguidas em uma start-up que (graças a um contrato absurdo que assinei) permanecerá anônima. Estudar arte na faculdade pode parecer uma péssima escolha financeira, mas isso só é verdade se você fizer uma série de financiamentos estudantis

para poder pagar por essa educação pretensiosa. Que foi exatamente o que eu fiz, claro. Meus pais eram bem-sucedidos, comandando uma empresa que fornecia equipamentos para pequenas e médias fazendas de gado leiteiro. Eles vendiam e distribuíam aquelas coisinhas que você conecta à vaca para tirar o leite, por exemplo. Era um bom negócio, o bastante para que eu não precisasse me afundar em dívidas se escolhesse uma universidade pública. Mas não fiz isso. Peguei empréstimos. Muitos. Então, depois de pular de graduação em graduação (publicidade, belas-artistas, fotografia, ilustração) e finalmente me acomodar no curso mundano (mas pelo menos útil) de design, aceitei o primeiro trabalho que poderia me manter em Nova York, longe do meu antigo quarto na casa dos meus pais no norte da Califórnia.

E esse trabalho era em uma maldita start-up, financiada pelo poço sem fundo de pessoas ricas que só conseguem ter o sonho mais chato que uma pessoa rica poderia ter: ficar ainda mais rico. É claro que trabalhar numa start-up significa que você é parte da “família”, então, quando as coisas dão errado, os prazos chegam, um investidor dá um chilique, ou mesmo sem motivo algum, você não sai do trabalho antes das três da manhã. O que, honestamente, eu odiava. Odiava porque o aplicativo de gerenciamento de tempo da empresa era uma ideia idiota e não ajudava ninguém de verdade, odiava porque eu sabia que só estava fazendo aquilo pelo dinheiro, e odiava porque eles pediam à equipe que agisse como se o trabalho fosse sua vida, e não só um emprego qualquer em horário comercial, o que significava que não me sobrava nenhum tempo livre para investir em projetos pessoais.

MAS!

Eu estava realmente usando meu diploma de design e meu salário era suficiente para pagar o aluguel, ainda que não tivesse nem um ano de formada. O ambiente de trabalho beirava o criminoso e eu gastava metade do meu salário para dormir na sala de um apartamento de um dormitório só, mas dava para levar.

Minto. Minha cama ficava na sala, mas em geral eu dormia no quarto — o quarto de Maya. Não estávamos morando juntas, só dividíamos o apartamento. A April do passado gostaria que eu fosse muito clara a respeito. E qual é a diferença? Bom, a principal é que ainda não estávamos ficando quando decidimos dividir o apartamento. Ficar com a pessoa com quem você divide o apartamento é conveniente, mas também um pouco confuso quando vocês já moraram juntas durante a maior parte da faculdade. Antes de finalmente rolar e agora serem oficialmente um casal há mais de um ano.

Se você já divide um apartamento, quando a questão “Vamos morar juntas?” aparece? Bom, pra gente, a questão foi “Podemos por favor tirar o colchão de segunda mão da sala para poder sentar num sofá enquanto vemos Netflix?”. E até agora minha resposta tem sido: “De jeito nenhum, só dividimos o apartamento e estamos ficando”. É por isso que ainda tem uma cama na nossa sala.

Eu disse que haveria drama.

Bom, voltando à madrugada daquela fatídica noite de janeiro. O maldito aplicativo tinha que ser relançado na semana seguinte, e eu estava esperando a aprovação final de algumas alterações na interface do usuário, mas tanto faz, você não se importa — era uma chatice de trabalho qualquer. Em vez de chegar cedo, fiquei até tarde, porque sempre preferi assim. Meu cérebro simplesmente fundiu depois de tentar interpretar as ordens enigmáticas de chefes que não sabiam diferenciar um bitmap de um vetor. Saí do prédio (era um espaço de coworking, nem mesmo um escritório de verdade) e andei três minutos até a estação.

Então meu cartão do metrô não passou SEM MOTIVO. Eu tinha outro na mesa do trabalho e não estava muito segura de quanto dinheiro me restava na conta, então achei melhor andar os três quarteirões até o escritório para garantir.

O farol de pedestre está aberto, então atravesso a 23, mas um táxi buzina como se eu estivesse errada. Nem vem, cara, o farol es-

tava verde para mim. Viro para voltar ao escritório e vejo na hora. Conforme me aproximo, fica mais claro que é uma escultura excepcional. DE VERDADE.

Quer dizer, é INCRÍVEL, mas também é meio “incrível estilo Nova York”, sabe?

Como posso explicar a sensação? Acho que... bom... em Nova York, as pessoas passam dez anos fazendo algo incrível acontecer, algo que captura a essência de uma ideia tão perfeitamente que de repente o mundo fica dez vezes mais claro. É lindo e potente, fruto da dedicação de grande parte da vida de alguém. O noticiário local faz uma reportagem e todo mundo fica tipo “Que legal!”, mas no dia seguinte já esqueceu por causa de outra COISA ABSOLUTAMENTE PERFEITA E FANTÁSTICA. Isso não quer dizer que a primeira coisa não fosse maravilhosa ou única... É só que tem muita gente fazendo muitas coisas impressionantes, então você acaba ficando meio cansado.

Foi assim que me senti quando vi o Transformer de três metros de altura usando uma armadura de samurai, seu peitoral enorme erguido a um metro ou um metro e meio da minha cabeça. Estava ali, cheio de energia e poder. Parecia capaz de virar a qualquer momento e direcionar seu olhar vazio e majestoso para mim. Mas, em vez disso, se manteve imóvel e em silêncio, quase desdenhoso, como se o mundo não fosse digno de sua atenção. À luz da rua, o metal era uma colcha de retalhos de preto como a noite fosco e prata reluzente como espelho. Claramente era metal... e não papelão pintado com spray. Era incrivelmente bem-feito. Parei por talvez cinco segundos antes de estremecer, tanto por causa do frio quanto do olhar daquela coisa, e seguir em frente.

Então me senti A MAIOR CRETINA DO MUNDO.

Quer dizer, sou uma artista dando duro em um trabalho incrivelmente desinteressante para pagar o aluguel caro demais desta cidade e assim poder ficar imersa em uma das culturas mais criativas e influentes do mundo. Aqui, no meio da calçada, tem uma obra

de arte que é um empreendimento gigantesco, uma instalação em que o artista trabalhou talvez por anos para que as pessoas parassem, olhassem e refletissem. E aqui estou eu, endurecida pela vida na cidade grande e mentalmente incapacitada por horas de trabalho braçal, sem dar uma segunda olhada em algo tão magnífico.

Lembro desse momento claramente, então acho que devo mencioná-lo. Voltei para a escultura, fiquei na ponta dos pés e disse:

— Acha que eu devia ligar pro Andy?

É claro que a escultura não disse nada.

— Só fica aí parada se tudo bem eu ligar pro Andy.

Então eu liguei.

Mas, antes, algumas informações sobre Andy!

Sabe aqueles momentos em que sua vida muda e você pensa “Tenho certeza absoluta de que vou continuar a amar e a apreciar todas essas pessoas incríveis com quem passei tantos anos e com quem vou continuar falando, apesar de nossas vidas estarem se transformando completamente agora”, mas daria na mesma já desfazer sua amizade com elas no Facebook porque você nunca mais vai ver essa gente de novo? Bom, de alguma forma, Andy, Maya e eu conseguimos (até agora) evitar esse destino. Maya e eu fizemos isso ocupando os mesmos quarenta metros quadrados. Andy, por outro lado, morava do outro lado da cidade, e a gente nem se conhecia até o terceiro ano da faculdade. Àquela altura, Maya e eu fazíamos mais ou menos as mesmas aulas porque, bom, gostamos muito uma da outra. Sempre fazíamos os trabalhos juntas. Mas o professor Kennedy dividiu a turma em trios, o que implicava um terceiro elemento aleatório entre nós. De alguma forma, tivemos que nos conformar com Andy (da perspectiva dele, imagino que teve que se conformar conosco).

Eu sabia quem Andy era. Tinha formado uma vaga impressão do tipo “esse cara é muito mais confiante do que deveria”. Ele era magro e esquisito, branco como papel. Imaginava que pedia ao cabeleireiro para cortar seu cabelo de tal forma que parecesse que nunca

tinha cortado o cabelo. Mas sempre tinha um comentário na ponta da língua, que, em geral, era engraçado ou perspicaz.

O trabalho consistia em desenvolver a marca de um produto ficcional. A embalagem era opcional, mas precisávamos de uma série de opções de logos e um manual de identidade visual (um livreto que diz a todo mundo como a marca deve ser apresentada e que fontes e cores podem ser usadas em cada situação). Era mais ou menos implícito que íamos fazer isso para uma empresa imaginária descolada e moderninha que fabricava jeans com bolsos inúteis ou coisa do tipo de forma ética e responsável. Na verdade, quase sempre era uma cervejaria, porque éramos todos universitários. Estávamos pagando caro para desenvolver nosso gosto por cerveja e nos vangloriar disso.

Certamente Maya e eu teríamos ido nessa direção, mas Andy era inacreditavelmente teimoso e de alguma forma nos convenceu a fazer a identidade visual do Bunclote, um chiclete com gosto de bunda. Seu argumento inicial era bem simples: não íamos fazer coisas finas e legais depois de formados, então não deveríamos levar aquele trabalho tão a sério. Mas então conseguiu nos convencer de verdade.

— Olha — ele disse —, é mais fácil fazer algo legal parecer legal, por isso todo mundo escolhe coisas legais. Só que, no fim das contas, o legal nunca vai ter graça. E se conseguíssemos fazer algo idiota parecer incrível? Algo invendável? É um desafio de verdade. Que exige talento. Vamos mostrar nosso talento!

Lembro disso muito bem porque foi quando me dei conta de que havia algo mais em Andy.

Quando entregamos o trabalho, eu não conseguia evitar me sentir um pouco superior ao restante da turma, que levava seus jeans skinny e suas cervejarias artesanais tão a sério. E o produto final ficou ótimo. Andy era — e eu sabia disso, mas não considerava muito importante — um ilustrador muito talentoso. Com o *lettering*

que Maya fez à mão e meu trabalho com a paleta de cores, a identidade visual ficou bem legal.

Foi assim que eu e Maya conhecemos Andy, e ainda bem que conhecemos. Sinceramente, precisávamos de alguém que balanceasse a intensidade que havia no início da nossa amizade. Depois do Bunclete, que Kennedy amou tanto que colocou no site do curso, nos tornamos um trio. Até fizemos alguns frilas juntos, e de vez em quando Andy aparecia no nosso apartamento e nos forçava a jogar algum jogo de tabuleiro. Então passávamos a noite conversando sobre política, sonhos ou inseguranças. O fato de que ele era claramente um pouco apaixonado por mim nunca incomodou nenhum de nós, porque Andy sabia que eu estava comprometida e, bem, Maya nunca o viu como ameaça. De alguma forma, nossa dinâmica não foi rompida depois da formatura, e continuamos saindo com o divertido, esquisito, inteligente e idiota Andy Skampt.

Para quem eu agora estava ligando às três da manhã.

— Porra, April, são três da manhã.

— Oi! Queria que você visse um negócio.

— Acho que pode esperar até amanhã.

— Não, é bem legal. Traz sua câmera. Jason tem equipamento de luz pra emprestar? — Jason era o cara com quem Andy dividia o apartamento, e os dois queriam ser celebridades da internet. Faziam vídeos de si mesmos jogando videogame para um público diminuto e tinham um podcast sobre as melhores cenas de morte da TV, que depois começaram a filmar e colocar no YouTube. Para mim, parecia aquela doença incurável que tantos caras bem de vida têm: apesar de montanhas de evidências contrárias, acreditam que tudo de que o mundo precisa é de outro podcast engraçadinho feito por caras brancos. Pode parecer duro, mas era como eu enxergava a coisa na época. Agora, claro, entendo como é fácil sentir que você não tem importância se ninguém estiver vendo. E, quando ouvi o podcast, que chamava *Slainspotting*, achei bem engraçado.

— Espera. O que está acontecendo? O que tenho que fazer?
— ele perguntou.

— É o seguinte: você tem que pegar todas as tralhas de vídeo do Jason e ir até o teatro Gramercy. Juro que não vai se arrepender, então nem pense em voltar ao seu joguinho hentai de realidade virtual... Isso é melhor, prometo.

— E por acaso você já jogou *Fada da Cerejeira 5* para saber, April May? Jogou?

— Vou desligar. E você vai chegar aqui em cinco minutos.
Desliguei.

Várias pessoas que não são Andy passaram enquanto esperava por ele. Manhattan é menos raiz do que já foi, claro, mas ainda estamos na cidade que nunca dorme. E onde todo mundo está pouco se fodendo. As pessoas davam uma olhada rápida na escultura e continuavam andando, como eu mesma quase fiz. Tentei parecer ocupada. Manhattan é um lugar seguro, mas isso não significa que uma jovem de vinte e três anos sozinha na rua às três da manhã não possa ser assediada por algum babaca.

Nos minutos seguintes, passei mais tempo com a estrutura. Nunca fica muito escuro em Manhattan, então havia bastante luz em volta, mas as sombras fortes e o tamanho da escultura tornavam sua compreensão difícil. Era gigantesca. Provavelmente pesava centenas de quilos. Tirei a luva e a toquei, notando que o metal não era frio como eu esperava. Tampouco era quente, na verdade. E era rígido. Dei uma batida na pélvis e não ouvi o tilintar que esperava. Foi mais um baque seguido de um zumbido baixo. Comecei a pensar que era a intenção do artista... que o objetivo era que as pessoas interagissem com a obra... descobrissem suas propriedades. Quando se estuda arte, você se acostuma a pensar nos objetivos e na intenção. É um mecanismo padrão: VER OBRA DE ARTE → ANALISAR OBRA DE ARTE.

Em determinado momento, interrompi minha análise e tentei só absorver aquilo. Estava começando a amar a escultura. Não só a admi-

rar a criação de outra pessoa, mas a amá-la daquele jeito que se ama uma verdadeira obra de arte... apenas desfrutando dela. Era muito diferente de tudo o que eu já tinha visto. E muito corajosa, a começar pela aparência Transformer. Eu ficaria morrendo de medo de criar qualquer coisa que lembrasse visualmente robôs gigantes... Ninguém quer ser comparado a algo tão *popular*. É o pior destino de todos.

Mas havia muito mais naquela obra do que isso. Ela parecia ter vindo de um lugar completamente diferente de qualquer outra obra que eu já havia visto, escultural ou não. Eu estava bem envolvida na coisa quando Andy me tirou do transe.

— Que porra é essa? — Ele carregava uma mochila, três câmeras e dois tripés.

— Né? — comentei.

— Isso é INCRÍVEL.

— Eu sei... E o pior é que quase passei reto. Só pensei “Bom, outra coisa legal em Nova York” e continuei andando. Então me toquei que não tinha ouvido falar disso ainda. E como você está sempre atrás de algo que viralize, achei que pudesse aproveitar esse furo. Então fiquei tomando conta dele pra você.

— Você viu essa obra de arte imensa, linda e musculosa e se lembrou imediatamente de ANDY SKAMPT? — Ele enfiou os dedos no peitoral ossudo.

— Ha ha — eu disse, sarcástica. — Na verdade, estava te fazendo um favor. Não pode só aproveitar?

Um pouco abatido, ele me entregou um tripé.

— Bom, vamos começar a montar esse negócio. Tenho que trabalhar antes que algum bêbado do canal seis passe aqui por acaso e roube meu furo.

Em cinco minutos a câmera estava pronta, com a luzinha acesa, e Andy prendia o microfone de lapela. Ele já não parecia tão esquisito quanto na faculdade. Tinha parado de usar boné e desistido do cabelo rebelde (ou incomum) em favor de um corte com ondas curtas que combinava com o formato de seu rosto. Mas, apesar de

ser quase vinte centímetros mais alto e ter quase exatamente a mesma idade que eu, ainda parecia uns cinco anos mais novo.

— April.

— Oi?

— Acho que devia ser você.

Devo ter respondido com algum tipo de grunhido confuso.

— Na frente da câmera.

— Cara, esse é o seu sonho, não o meu. Não sei nada de YouTube.

— É só que... tipo... — Em retrospectiva, acho que é possível, embora nunca tenha perguntado, que ele tivesse alguma ideia de que seria algo grande. Não tão grande quanto acabou sendo, claro, mas grande.

— Ei, não vem achando que vou ficar te devendo uma por me dar a chance de fazer sucesso na internet. Nem quero isso.

— Tá, mas você não faz ideia de como usar a câmera.

Sabia que era só uma desculpa, mas não conseguia entender o motivo.

— Posso não saber como funcionam os bastidores, mas tampouco sei o que fazer na frente da câmera. Você e Jason passam o dia todo falando com pessoas na internet. Eu mal tenho Facebook.

— Mas tem Instagram.

— É diferente — retruco.

— Na verdade, não. Sei que se preocupa com o que posta. Você não está enganando ninguém. É uma garota digital, April, em um mundo digital. Todos sabemos como nos comportar. — Andy era realmente honesto. É claro que ele estava certo. Eu tentava não me importar com as redes sociais, e preferia mesmo ir a uma galeria de arte do que ficar tuitando. Mas não era tão desconectada quanto queria parecer. Ficar irritada com personalidades da internet criadas com todo o cuidado era parte da minha personalidade da internet criada com todo o cuidado. Mesmo assim, acho que ambos sabíamos que Andy estava forçando um pouco a barra.

— Andy, o que está pegando?

— É só que... — Ele respira fundo. — Acho que seria melhor para o artista se fosse você. Sou o maior pateta, sei disso. As pessoas não vão me levar a sério. Já você parece uma artista também, com essa roupa e essas maçãs do rosto. Parece saber do que fala. Você *sabe* do que fala, e fala bem. Se eu fizer isso, vai virar piada. E foi você que encontrou o negócio, acho que faz mais sentido que apareça na câmera.

Diferentemente da maior parte dos meus colegas de design, eu era bastante ligada às belas-artes. Se você está se perguntando qual é a diferença das outras formas de arte, as belas-artes são aquelas que se encerram em si. O que as belas-artes criam é a si mesmas. Design, por exemplo, já é uma forma de arte que cria outra coisa. É mais como uma engenharia visual. Comecei a faculdade focada em belas-artes, mas no fim do primeiro semestre decidi que queria ter um emprego um dia. Então passei para publicidade, que eu odiava, então mudei de curso mais algumas vezes até me render e optar por design. Mas ainda gastava muito mais tempo e energia com a cena de belas-artes de Manhattan do que qualquer um dos meus amigos designers. Era parte do motivo pelo qual eu queria desesperadamente ficar na cidade. Pode parecer idiota, mas o mero fato de ser uma jovem de vinte e poucos anos em Nova York fazia com que eu me sentisse importante. Mesmo que não estivesse fazendo arte de verdade, pelo menos estava conseguindo me manter na cidade, bem distante do negócio dos meus pais.

Andy não mostrava nenhum sinal de desistir, e acabei decidindo que não era nada de mais. Então passei o microfone por dentro da blusa, sentindo o fio ainda quente pelo contato com o corpo de Andy. Com a luz do equipamento que ele tinha trazido batendo no rosto, eu mal conseguia enxergar a câmera. Fazia frio, com uma leve brisa, e estávamos sozinhos na calçada.

— Pronta? — ele perguntou.

— Me dá aquele microfone — eu disse, apontando para uma mala aberta no chão.

— O de lapela está funcionando bem.

— Só como objeto de cena, para que eu possa... fazer uma entrevista.

— Ah... legal... — Ele me entrega o microfone.

— Estou pronta — digo.

— Gravando!

DOIS

— Gravando!

Se você é um humano que já esteve perto o bastante de uma conexão com a internet, já ouviu Andy dizendo essa palavra. Fale ou não inglês. Tendo sido ou não proprietário de um aparelho eletrônico na vida. Seja um bilionário chinês ou um criador de ovelhas neozelandês, você ouviu. Militantes rebeldes no Nepal ouviram. É o vídeo mais popular de todos os tempos. Teve mais visualizações do que o número de habitantes do planeta. O Google estima que “Carl Nova York” foi visto por noventa e quatro por cento dos humanos vivos. E, a esta altura, imagino que por uma quantidade razoável dos mortos.

Depois que Andy editou o vídeo... eis mais ou menos o que restou.

Estou toda desarrumada. Faz vinte e duas horas que não durmo. Estou com pouca maquiagem e o *dress code* do trabalho era basicamente “a primeira peça que encontrar no guarda-roupa”, então estou usando uma jaqueta jeans em cima de um moletom branco, e minha calça é rasgada nos joelhos, o que não ajuda a proteger do frio. Meu cabelo preto está solto sobre os ombros, a luz bate nos meus olhos e eu me esforço para não fazer careta. Considerando tudo, não pareço tão horrível. Talvez só tenha assistido ao vídeo tantas vezes que superei a vergonha. Meus olhos

são tão escuros que pareço não ter íris mesmo no sol. Meus dentes brilham com as luzes de LED de Jason. De alguma maneira, pareço animada. A vertigem da falta de sono tomou conta. Minha voz sai profunda e áspera.

— Olá! Meu nome é April May, e estou aqui no cruzamento da 23 com a Lexington, com um visitante inesperado e peculiar. Ele chegou em algum momento antes das três da manhã, para vigiar a unidade do fast-food mexicano Chipotle que fica ao lado do teatro Gramercy, como se fosse um antigo guerreiro de uma civilização desconhecida. Seu olhar gelado de alguma forma é reconfortante, como se provasse que nenhum de nós sabe o que fazer da vida... nem mesmo este guerreiro de metal de três metros de altura. Se a magnitude da vida parece opressora, não se preocupe... você é insignificante! Se me sinto mais segura com ele me observando? Não! Mas talvez não seja uma questão de segurança.

Um casal que volta para casa depois de uma noitada passa enquanto digo isso, olhando por cima do ombro mais para a câmera do que para o ROBÔ GIGANTE que está sendo filmado.

O ângulo da filmagem muda bruscamente. (Porque passei alguns minutos só resmungando, sem ter realmente o que dizer, e parecendo uma idiota, enquanto Andy garantia que ia cortar as partes em que eu parecia uma idiota.)

— O nome dele é Carl! Olá, Carl! — Aqui eu aponto o microfone desconectado para Carl... ficando na ponta dos pés. Sou baixinha, não tenho nem um metro e sessenta, o que faz Carl parecer maior do que de fato é. Ele não diz nada. — Um robô de poucas palavras, mas sua aparência fala alto.

Outro corte, e agora estou olhando para a câmera.

— Carl, imóvel, sólido, e estranhamente morno ao toque, um robô de três metros de altura que os nova-iorquinos não parecem achar particularmente interessante.

Corta.

— Do que acham que se trata? Uma instalação artística? Um projeto pessoal, despejado junto com um inquilino que não pagava o aluguel? Um objeto de cena esquecido por uma equipe que fazia um filme aqui perto? Será que a cidade que nunca dorme se tornou a cidade que é tão descolada que já nem nota as ocorrências mais peculiares e assombrosas? Não, esperem! Um jovem parou para olhar. Vamos perguntar o que ele acha.

Corta.

Divido o microfone com Andy.

— Como você chama?

— Andy Skampt. — De alguma forma, ele está mais nervoso que eu.

— Você confirma que tem um robô de três metros em frente ao Chipotle?

— Sim.

— Você confirma que isso não é nem um pouco normal?

— Hum-hum.

— O que acha que significa?

— Na verdade, não sei. Agora que parei pra pensar, Carl meio que me assusta pra caramba.

— Obrigada, Andy.

Corta.

— E aí está, cidadãos do mundo. Um robô humanoide gigante, imponente, assustador e ligeiramente morno que chegou a Nova York e, por sua falta de atividade, de alguma forma só é interessante durante um vídeo de um minuto.

Tudo isso é dito enquanto vemos closes do robô, sua imobilidade emanando movimento, a energia brilhando por baixo da superfície.

O tempo inteiro em que estive em frente à câmera, fiquei pensando no artista. Um colega criativo que havia despejado sua alma em algo realmente fantástico que poderia ser ignorado pelo mundo inteiro. Eu queria entrar em sua cabeça. Queria descobrir

por que tinha criado aquilo ao mesmo tempo que repreendia o mundo por sua indiferença cruel à beleza e à forma. ATENÇÃO NOVA-IORQUINOS, APRECIEM COMO AS COISAS PODEM SER LEGAIS! Queria que as pessoas despertassem e passassem alguns momentos olhando para essa maravilha excepcional da criação humana. O que, em retrospectiva, é engraçado.

— Ficou bom?

— Ficou ótimo, fantástico, você é adorável, inteligente e a internet vai te amar.

— Ah, tudo o que eu sempre quis — brinquei. — De repente estou morta de cansaço.

— Bom, faz sentido. Por que estava acordada a essa hora?

— Além do fato de ter encontrado um robô gigante? Só mais um dia normal de trabalho em que todo mundo teve que fazer serão.

— Pelo menos você tem um emprego.

Andy estava tentando trabalhar como freelancer, que é o que você faz quando não tem que se preocupar em pagar o financiamento estudantil porque seu pai é um advogado rico de Hollywood.

E, simples assim, Carl deixou de ser o assunto. Andy fez alguns closes enquanto eu reclamava sobre o trabalho e ele me contava sobre seu novo cliente, que queria que o logo da empresa parecesse mais “computadorizado”. Até subi nos ombros de Andy para ficar o mais próximo possível da cabeça do robô, tentando manter a câmera estável para uma tomada complementar. Mas ficamos basicamente falando sobre o trabalho e a vida até quase umas quatro.

— Bom, isso foi superesquisito, April May. Obrigado por me tirar de casa nessa noite fria para gravar um vídeo de robô com você.

— Obrigada por ter vindo. E não, não vou ficar vendo você editar o vídeo. Vou para a cama. Se me ligar antes do meio-dia, vou te empalar com aquela coisa pontuda que Carl tem na cabeça.

— É sempre um prazer.

— Te vejo amanhã.

No metrô, voltando para casa, coloquei o celular no modo “não perturbe”. Foi provavelmente a melhor noite de sono que tive até morrer.